PEDAGOGO HOSPITALAR: DIFICULDADES E DESAFIOS NA SUA PRÁTICA PROFISSIONAL.

SOUZA, Alexsandro¹

PRADO, Gustavo José

RESUMO:

O presente trabalho discorre sobre a necessidade de conhecer as ramificações da Pedagogia, em destaque a Pedagogia Hospitalar. Tem por objetivo apontar as dificuldades/desafios enfrentados pelos pedagogos no trabalho pedagógico com crianças e adolescentes hospitalizados. Acredita-se que a conciliação do ensino-aprendizagem juntamente a melhora clínica da criança/adolescente, pode se considerar como um ato de esperança e solidariedade sobre as dificuldades.

Palavras-chaves: Pedagogia hospitalar; Educação; Trabalho Pedagógico.

1 INTRODUÇÃO:

A Pedagogia tem seus primórdios datados no século X na antiga Grécia, quando os escravos levavam as crianças da aristocracia ao encontro de seus mestres e começaram a desenvolver a ideia do pensar e quando a religião deixa de ser a única que possuía as explicações, pois o pensamento crítico e a razão buscavam responder à inquietude tomando como base a realidade (SCHEIBE, 2010).

Scheibe (2010) aponta que, desde a antiga Grécia, houve uma dupla referência para o conceito de pedagogia, à qual é a reflexão ligada à filosofia, evidenciando a finalidade ética presente na atividade educativa; e o senso comum e prático ligado à Paideia², considerado como formação da criança para a vida.

No Brasil, a Pedagogia como área de formação acadêmica se iniciou nos anos de 1835, no Rio de Janeiro, com a chegada da Escola Normal, no Período Regencial com o intuito de formação para docência nas séries iniciais, o antigo primário. Somente no ano de 1935 que foi inserida como curso na Universidade do Brasil, dentro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (TEIXEIRA *et al.*, 2008).

¹ Graduado em Pedagogia – FIRA. Email: santaiale85@gmail.com

² Paideia é uma derivação da palavra grega *paídos* (criança) e significa algo como educação para crianças, ou seja, é a forma como se transmitia os valores, conhecimentos e culturas que eram consideradas essenciais para as crianças da época.

Como aponta Rossi e Ferreira (2017) a pedagogia passou por várias transformações, dentre elas o surgimento e a necessidade de um profissional que atue fora do ambiente escolar: a Pedagogia Empresarial, Pedagogia Social e a Pedagogia Hospitalar.

A Pedagogia Empresarial é uma especialização voltada diretamente ao ambiente corporativo, com o objetivo de estimular o desenvolvimento pessoal e profissional dos colaboradores, trabalhando com uma metodologia que aperfeiçoe a capacidade cognitiva, motora, socioafetiva e habilidades sociais das pessoas de todas as idades.

A Pedagogia Social tem como foco principal, estimular a inclusão nos espaços de ensino-aprendizagem e ajudar estudantes a superar os desafios das diferenças sociais. É responsável por promover um ensino de qualidade, manifestados em projetos que estejam tanto dentro como fora do âmbito escolar.

A Pedagogia hospitalar é uma área que tem como desígnio levar o ambiente da escola para dentro do hospital. Neste contexto a pedagogia busca atender especialmente crianças e adolescentes hospitalizados que estão fora de uma instituição de ensino, dando apoio e subsídios para que os mesmos não percam o contato com o processo ensino aprendizagem durante a internação.

Segundo Esteves (2008), Henri Sellier, em 1935, inaugurou a primeira escola para crianças inadaptadas, nos arredores de Paris. Tal exemplo foi seguido pela Alemanha e Estados Unidos, com o objetivo de promover uma melhora no ensino-aprendizagem para crianças hospitalizadas.

No Brasil o movimento da pedagogia hospitalar teve início na década de 1950 no Estado do Rio de Janeiro, no Hospital-escola Menino Jesus, onde existe a classe hospitalar mais antiga em funcionamento no país. De acordo com Menezes (*apud* BATISTA, 2014, p. 13);

Este movimento ganhou força e a pedagogia hospitalar se estabelece a partir da década de 90 no qual os órgãos públicos sentiram a necessidade de inserir o serviço do pedagogo hospitalar, complementando a área da educação especial no Brasil, uma proposta diferenciada de ensino com a finalidade de acompanhar as crianças que estão afastadas da escola por estarem doentes.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo apontar as dificuldades/desafios enfrentados pelos pedagogos no trabalho pedagógico com crianças e adolescentes hospitalizados. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa com análise das referências bibliográficas pertinentes à área.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A Pedagogia Hospitalar

A Pedagogia Hospitalar em sua área de atuação, propriamente dita, é um espaço educativo na medida em que é oferecido práticas pedagógicas de acompanhamento escolar hospitalizado, com o objetivo de dar continuidade no seu processo de ensino-aprendizagem, sem que o seu direito de viver a infância seja interrompido, assim assegura o seu direito a educação básica conforme as políticas que respaldem isto, com o uso de práticas pedagógicas juntamente ao auxílio dos procedimentos médicos que favoreça esse trabalho e garanta seu sucesso. (SILVA, 2013)

Esteves (2008) aponta que a Pedagogia Hospitalar teve seu início em 1935, com a inauguração da primeira escola destinada às crianças que na época eram identificadas como inadaptadas, que não podiam estar inseridas na rede de ensino por motivos de saúde, nos arredores de Paris pelo Henri Sellier, Ministro da Solidariedade e Saúde da França (1936-1937). Esse exemplo percorreu pelo mundo, com o objetivo de superar as dificuldades escolares de crianças/adolescente hospitalizados.

De acordo com Batista (2008), é possível que a implantação da Pedagogia no âmbito hospitalar tenha ganhado destaque com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Com uma alta porcentagem de crianças e adolescentes, que foram atingidos e deixados com a impossibilidade de irem à escola, fez com que gerasse um impulsionamento na criação de tal recurso, para não os deixar à mercê do conhecimento e do ensino-aprendizagem, apoiado e defendido pelos médicos da época.

Na França, ainda em 1939, mesmo que o mundo estivesse em guerra teve algumas criações de cargo, com o objetivo de superar a falta de recursos tanto na área da educação quanto na área da saúde, assim foi criado o C.N.E.F.E.I. - Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas de Suresnes, na qual tem o objetivo de formar professores capacitados a atender institutos especiais e em hospitais (BATISTA, 2017).

Além disso, foi criado o Cargo de Professor Hospitalar junto ao Ministério da Educação Francesa, com a duração de dois anos. O C.N.E.F.E.I. ainda promove com o objetivo central, apontar que a educação não se resume somente em espaço escolar. (BATISTA, 2017).

Segundo Fonseca (1999), a denominação para as modalidades de atendimentos domiciliares ou hospitalares, foi presentida pelo MEC/SEESP, como *Classe Hospitalar* em 1994.

Esteves (2008) discorre que o Brasil teve o reconhecimento do direito do aluno de continuar os estudos, mesmo estando hospitalizado, somente a partir do Estatuto da criança e

do adolescente hospitalizado, através da Resolução nº 41 de outubro de 1995, no item 9, o “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), prevê que é de total direito de a criança/adolescente dispor de todas as oportunidades possíveis, em relação aos processos de aprendizagem e seu pleno desenvolvimento. Como afirma a LDB (1996).

“ Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa.”

Esse artigo foi acrescido pela Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018, trata em assegurar o atendimento educacional ao aluno de educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar em tempo prolongado.

Essa medida adotada na atual LDB tem origem na Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica - CNE/CEB nº 02/2001, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial, em seu artigo 13, determina que os sistemas de ensino, em ação integrada com os sistemas de saúde, organizem o atendimento especializado aos alunos impossibilitados de frequentar a escola em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorio ou permanência prolongada em domicílio. Conforme cita a LDB - Resolução CNE/CEB nº 02 (2001):

§ 1º-As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular.
§ 2º Nos casos de que trata este Artigo, a certificação de frequência deve ser realizada com base no relatório elaborado pelo professor especializado que atende o aluno.

O Ministério da Educação também editou em 2002 (BRASIL, 2002), um guia de estratégias e orientações para a organização de classes hospitalares e de atendimento pedagógico domiciliar. Este atendimento deve ser vinculado aos sistemas de Educação dos estados e municípios como uma unidade específica do trabalho pedagógico, cabendo às secretarias de educação, contratar e capacitar profissionais, além de garantir recursos materiais e financeiros.

Após levantamentos sociais que deixam explícita a necessidade de um profissional da educação inserido na área da saúde, como educador para o ensino-aprendizagem de alunos hospitalizados, o Ministério da Educação (BRASIL, 2002) juntamente à Secretaria de Educação Especial, resolveu elaborar documentos e políticas que visassem estratégias que surtiram efeito na inclusão educacional, pois a educação é direito de todos e é dever do Estado e da família assegurar o total acesso da criança/ou adolescente em seu pleno desenvolvimento cognitivo, físico, afetivo e social.

2.2 O Trabalho do Pedagogo Hospitalar

O trabalho do Pedagogo Hospitalar independentemente das dificuldades e desafios encontrados, como professor na sua responsabilidade intitulada, deverá inicialmente amenizar as tristezas e dificuldades em que o paciente se encontra, despertar nos alunos-pacientes significações que possam melhorar sua condição de vida. Por isso, esse tipo de atendimento humanizado serve como resgate, por meio de estratégias pedagógicas desenvolvidas no ambiente hospitalar. (SOUZA *et al.* 2017)

O ambiente hospitalar passa por uma adaptação, para que concilie o ensino-aprendizagem com a internação do paciente. Neste caso, cabe a classe hospitalar se encarregar deste atendimento especializado, pois o ambiente em si, proporciona um distanciamento do cotidiano escolar, no qual a criança mais desenvolve o seu cognitivo e o seu social, e sendo de responsabilidade da mesma, promover hábitos de rotina e socialização ao aluno-paciente, assim como desenvolver todas as áreas do conhecimento. (SOUZA *et al.* 2017)

Silva (2013) aponta que o pensar terapêutico no atendimento em hospitais, como preocupação no bem-estar do paciente, se deu a partir do século XVIII, se caracterizando somente no bem-estar físico e não se tinham uma preocupação com o lado emocional, especialmente por apresentarem um distanciamento entre médicos (equipe) e pacientes, caracterizando um lado “insensível” e tão pouco preocupados com o lado emocional abatido, pois objetivam estar lá para curar-se da doença.

Em geral, nos hospitais, na sua grande maioria os pacientes, não são levados em consideração as suas condições socioemocionais, ou seja, suas alegrias, tristezas, sentimentos, entre outros, e ainda sim, precisam “sozinhos” desenvolver a partir de um atendimento caracterizado como “humanizado” a superar as dificuldades que estão enraizadas no ambiente hospitalar. (SILVA, 2013)

Laranjeira (*apud* Silva, 2013) destaca que, a falta de humanização no atendimento hospitalar e a insensibilidade por parte dos médicos e sua equipe, pode se dizer que essas características perpassaram na formação acadêmica desses profissionais, pelo fato de terem usado o modelo biomédico, que ocorreu durante a revolução cartesiana e aprenderam a separar o “corpo” da “mente”, entretanto, essa característica não é geral para todo ambiente hospitalar, podendo haver mais sensibilidade em alguns locais da saúde.

Ainda assim, para Souza (*et al.* 2017) a situação se torna mais crítica quando nos deparamos com uma criança/ ou adolescente neste atendimento, pois é necessário um atendimento acolhedor e de sensibilidade por parte da equipe de saúde em relação aos familiares e ao paciente hospitalizado, pois seu estado físico e emocional é consideravelmente mais fragilizado. Por isso, o atendimento da Classe Hospitalar ser de extrema importância neste momento.

Silva (2013) afirma que, a importância de entendermos que a criança/adolescente hospitalizado, mais que o adulto, necessita de atividades que vinculem com o seu cotidiano e demonstre a equipe médica, que ainda se encontra em trajetória de vida, desenvolvendo saberes fundamentais e estruturando sua posição como civil. Com isso, mostra-se essencial um atendimento instruído para esse paciente que deverá ter um cuidado especial e uma ação educativa escolar quanto cotidiana, equilibrando os procedimentos médicos juntamente a sua vida pessoal durante a internação.

Silva (2013) ressalta que deve-se evidenciar a importância de que a educação está em todos os meios sociais desde que nascemos, estando presente em todos os locais. Ao notarmos que a educação começa a partir do nosso nascimento, consideramos que ela se faz presente nos hospitais até chegar nas demais áreas sociais. É através da Pedagogia Hospitalar que as práticas e estratégias vem para fortalecer a relação entre o hospital enquanto espaço educativo e de reabilitação do paciente, pois, a educação nesse contexto possui uma força de transformações.

As práticas educacionais desenvolvidas no hospital são aquelas que envolvem o brincar e o aprender, por meio de situações desenvolvidas pelo Pedagogo Hospitalar que provoque o desejo, a motivação, o interesse, a autoestima, a atenção, o cognitivo e a sua criatividade. A ação do brincar, para crianças e adolescentes, funciona como um instrumento libertador para a imaginação, estabelecendo resultados significativos no desenvolvimento biológico, físico e emocional através da dimensão terapêutica que esta prática traz, fazendo uma consolidação para o avanço no ensino-aprendizagem e em sua melhora clínica. (SILVA, 2013)

Silva (2013, p. 66) afirma que:

As práticas educativas vêm ocorrendo nos hospitais, a partir de espaços instituídos no seu seio, e destinados a este fim, bem como através de diversas instituições comprometidas com a causa das crianças enfermas. Tais instituições também contam com a ajuda de voluntários, muitas vezes pais de crianças ou adolescentes que faleceram em virtude de doenças graves.

Em 2005, foi decretado e sancionado pelo Congresso Nacional, a Lei nº 11.104 que dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedoteca nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

Art. 1º Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.

Parágrafo único. O disposto no caput deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação.

Art. 2º Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar.

Silvério e Rubio (2012) apontam que a brinquedoteca é um espaço educativo inserido no âmbito hospitalar, com o foco no desenvolvimento socioeducacional e clínico da criança e/adolescente internados, ocorrendo atividades de lazer, socialização e aprendizagem, resgatando sua autoestima, alegria e desejo de viver. O espaço é composto por brinquedos, mas com uma visão mais ampla do que o brincar por brincar, pois envolve um contexto global das necessidades em que a instituição e o paciente se encontram. O brincar e a ludicidade constrói no paciente valores sociais de responsabilidade de forma espontânea e criativa. É o espaço em si, que defende o direito da criança à infância.

2.3 Dificuldades e Desafios no trabalho do pedagogo hospitalar

A atuação de docentes em espaços não educacionais, em especial a área hospitalar, são fundamentais para uma educação de qualidade, mas há desafios nesse caminho para oferecer a equidade, por isso sua atuação como mediador busca trabalhar todas as áreas do conhecimento, principalmente o lado afetivo da criança e /ou adolescente que se encontra hospitalizado e fragilizado, por tais circunstâncias necessita de estímulos que recuperem as esperanças para continuar os estudos junto dos cuidados médicos. (MELO, 2015)

Ortiz e Freitas (*apud* Melo, 2015) apontam que, o professor passa a ser um mediador de estímulos cautelosos, diligentes e atentos, reinventando formas para desafiar/estimular o

paciente-aluno quanto à continuidade dos trabalhos escolares, a vencer a doença e a dar existência as novas perspectivas à vida emancipatória, ou seja, ser um ser crítico e ativo nos seus direitos e deveres perante uma sociedade.

Segundo Fontes (2005), o Pedagogo inserido nesse ramo Hospitalar, deve estar preparado e capacitado a atuar com diferentes situações e desafios, uma delas é a interação social com a família do paciente-aluno, a equipe médica e com o próprio paciente, assim tendo que desenvolver um trabalho pedagógico que acolha e dê, de alguma forma, um respaldo as dúvidas e os ajudem a superar seus desafios. Para tal recurso utiliza-se a metodologia de Escuta Pedagógica³, que desenvolve um processo de reflexão e construção do conhecimento, ou seja, irá refletir sobre situações que o façam chegar em soluções que possam ajudar de alguma maneira.

Melo (2015) aponta alguns desafios e dificuldades que um Pedagogo Hospitalar enfrenta no seu ambiente de trabalho, lidando com o seu público-alvo: as desigualdades que a sociedade apresenta, o sentimento de perda ou desvalorização, entre outros. E destacam-se, ainda:

Desvalorização da Pedagogia Hospitalar: a pedagogia hospitalar apesar de estar avançando no seu reconhecimento diante do ramo da educação, ainda é pouco conhecida e valorizada entre a população, por isso, por muitas vezes a criança ou adolescente ficam sem o atendimento especializado em relação a sua continuidade nos estudos, por não ter o profissional especializado (Pedagogo Hospitalar) presente ou até mesmo a desinformação por parte de seus responsáveis e conseqüentemente é somente disponibilizado os cuidados médicos.

Relação Pedagogo e Família: a relação que o profissional mais deve priorizar, por ser de grande ajuda no processo do hospitalizado, é a relação com a família, pois o paciente-aluno se encontra distante da realidade de uma escola regular e, por esse motivo, naturalmente o vínculo de paciente e família irá se fortalecer e com isso ajudará a garantir sua autoestima através das intervenções feitas pelo pedagogo, assim o profissional se coloca como intermediário do paciente entre os desejos, medos, ansiedades e frustrações em relação ao mundo externo.

Direito Negado: ter o acesso à educação básica é um direito de todos, porém nem sempre se enquadra aqueles que se encontram hospitalizados, tais como criança ou adolescente, por isso se caracteriza como direito negado. No Brasil o número de hospitais ou regiões com atendimento do pedagógico e do profissional (Pedagogo Hospitalar) capacitado é escasso.

³ Escuta Pedagógica é uma abordagem educacional que se concentra em desenvolver habilidades para ouvir o aluno ou indivíduo com empatia e atenção plena.

Transição de Espaço: essa transição de espaço é um dos grandes problemas, pois o risco é ocasionado por questões como biossegurança e saúde mental diante de constantes situações de dor, sofrimento e morte no ambiente. Pois, sua formação acadêmica não os prepara para perdas e consequências dentro do ambiente hospitalar, apesar de ser falada que a Pedagogia é bem mais que sua atuação em sala de aula ou em instituições educacionais, não se explora muito o lado das ramificações da Pedagogia. (TEIXEIRA, 2019)

Relação com sofrimento e morte: os profissionais das Classes Hospitalares em sua grande maioria já lidaram com a perda/morte de seus educandos, por isso, faz-se necessário e importante compreender o luto, em especial sobre o Luto Antecipatório⁴, que auxiliam nesse processo, seja ele longo ou não, ele é difícil, mas certamente necessário para a família, para o paciente-aluno e até mesmo para os profissionais que o acompanha-o. Acredita-se, em sua grande maioria que os Pedagogos Hospitalares, que o processo de luto antecipatório dos educandos e familiares seja importante para o enfrentamento não só do tratamento em si, mas também a aceitação do que os diagnósticos impuseram sobre as condições irreversíveis de morte. (TEIXEIRA, 2019)

A Posição do Pedagogo no Ambiente Hospitalar: diferentemente do que se imagina de uma escola cheia de diversões, alegrias, agitações, atividades lúdicas e descobertas de mundo, o ambiente hospitalar por sua vez se caracteriza como um espaço de tratamento de doenças e preza-se pelo silêncio, descanso e isolamento social. A diferença do trabalho de um professor em uma rede escolar, em que se ocupa bem mais que uma posição de educador, ela é ampla sendo um conselheiro, um psicólogo, um amigo de seus alunos, etc., já no hospital não foge tanto desta perspectiva, porém o professor deve se afirmar-se ao papel de educador, e não de agente da saúde. (TEIXEIRA, 2019)

Costa (2022) aponta que a pedagogia em sua totalidade como educação básica sempre houve e sempre haverá dificuldades e desafios a serem enfrentados e conquistados e com a pedagogia hospitalar não é diferente, ensinar não é uma tarefa fácil, independente do ambiente que se atua um educador, é sempre um desafio novo que exige em seu desenvolvimento, o momento do autoconhecimento, da compreensão de laços sócias afetivos que se desenvolve ao longo do percurso, das transformações que se destacam e principalmente da aprendizagem docente que se faz necessária. Por isso, o autor aponta a importância do desenvolver profissionais nas áreas do convívio social, da comunicação e da cooperação, que estão

⁴ O luto antecipatório se dá de forma mais recorrente em situações de anúncio de doenças graves, com alto risco de mortalidade, ou quando a pessoa sofre por traumas que provocam, no sujeito, a permanência por um longo período de internação ou constituição de uma deficiência permanente.

interligadas entre Saúde e Educação, pois objetivam um resultado em comum, ou seja, a saúde física e mental, o desenvolvimento intelectual e físico dos alunos-pacientes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do presente artigo, notamos que a pedagogia hospitalar está tendo pequenos, mas significativos avanços ao longo dos anos, para que a sua conscientização em nosso país seja efetiva, e destaca como o seu papel é importante para dar continuidade ao ensino-aprendizagem das crianças/adolescentes hospitalizados. Por esse motivo o seu reconhecimento como área de atuação pedagógica se faz necessária, pois o Estado e Família deverão cumprir com sua função de garantir o acesso e a continuidade dos estudos, mesmo estando hospitalizado.

Dito isto, vale ressaltar que, assim como as demais áreas profissionais, a pedagogia hospitalar também possui desafios e dificuldades na sua atuação profissional, mas a possibilidades de melhoria nas suas condições profissionais, ou até mesmo, superar tais desafios, sendo através de elaboração de políticas educacionais ou da saúde, projetos políticos, valorização do profissional ou um respaldo maior sobre esta área na formação acadêmica de licenciatura em pedagogia. Isto seria de grande ajuda a estes profissionais, para amenizar seus obstáculos e para que ocorra um ensino de qualidade aos seus alunos-pacientes, reforçando o apoio ao profissional.

4. REFERÊNCIAS

BATISTA, Celi de Almeida. **A classe hospitalar no Brasil e o papel do profissional docente.** São Paulo: [s.n.], 2014. Disponível em: https://spo.ifsp.edu.br/images/phocadownload/DOCUMENTOS_MENU_LATERAL_FIXO/POS_GRADUA%C3%87%C3%83O/ESPECIALIZA%C3%87%C3%83O/Forma%C3%A7%C3%A3o_de_Professores_%C3%8Anfase_Ensino_Superior/Produ%C3%A7%C3%B5es/2014/CELI_DE_ALMEIDA_BATISTA.pdf. Acessado em maio/2023

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LBD. 9394/96. BRASIL. Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.

%201%C2%BA%20A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20abrangente,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais. Acessado em agosto /2023

BRASIL. Lei nº11.104, de 21 de março de 2005. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11104.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.104%2C%20DE%2021,Art. Acessado em outubro/2023

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CBE nº 2 de 11/09/01, Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: Imprensa Oficial, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf> . Acessado em setembro/2023

COSTA, Giliane Oliveira Mirandola. Pedagogia Hospitalar: desafios, avanços e impasses. Centro Universitário do Espírito Santo, 2022. Disponível em: [\[link\]](#). Acessado em outubro/2023

ESTEVES, Cláudia R. Pedagogia hospitalar: um breve histórico, 2008. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2013/06/HIST%C3%93RICO-DA-PEDAGOGIA-HOSPITALAR.pdf> . Acessado em junho/2023

FONTES, Rejane de S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. Revista brasileira de educação, n. 29, p. 119-138, 2005. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n29/n29a10.pdf> . Acessado em outubro/2023

MELO, Damaris Caroline Quevedo de; LIMA, Vanda Moreira Machado. Professor na Pedagogia Hospitalar: atuação e desafios. Colloquium Humanarum, v. 12, n. 2, p. 144–152, 2015. Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1226> Acesso em outubro/2023

ROSSI, Luana Karine; FERREIRA, Jéssica Fernanda de Quadros; GLAP, Lucimara. Pedagogia em ambientes não escolares. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade Sant'Ana, 2017. Disponível em: <https://iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/68>. Acesso em agosto 2023.

SCHEIBE, Leda. Pedagogia. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/pedagogia/#:~:text=O%20termo%20pedagogia%20surgiu%20na,consciente%2C%20o%20fazer%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o> . Acessado em maio/2023.

SILVA, Neilton da; ANDRADE, Elane Silva de. **Pedagogia Hospitalar: fundamentos e práticas de humanização e cuidado.** 2013. Disponível em: https://repositorio.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/877/1/Pedagogia_Hospitalar_Fundamentos_Livro_2014.pdf. Acessado em setembro/2023.

SILVÉRIO, Claudia Aparecida; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. de AS Brinquedoteca hospitalar: o papel do pedagogo no desenvolvimento clínico e pedagógico de crianças hospitalizadas. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 3, n. 1, p. 1-16, 2012. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/claudia.pdf>. Acessado em outubro/2023.

SOUSA, Alanne Cruz; TELES, Damares Araújo; SOARES, Maria Perpétua do Socorro Beserra. **Pedagogia Hospitalar: a relevância da atuação do pedagogo.** **Revista Educação e Emancipação**, n. 1, p. 241-259, 2017. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/7725>. Acesso em outubro/2023

TEIXEIRA, Edival Sebastião; BERNARTT, Maria de Lourdes; TRINDADE, Glademir Alves. Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. **Educação e pesquisa**, v. 34, p. 227-242, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/p3BzbbfjHJF5gpyJbSmLMY/>. Acessado em julho/2023

TEIXEIRA, Ricardo Antônio Gonçalves et al. Classe hospitalar: a gestão pedagógica de professores com educandos em iminência de morte. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 35, n. 2, p. 401-425, 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2447-41932019000200401&script=sci_arttext Acessado em outubro/2023